

**XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e  
14ª Conferência Internacional de História de Empresas**

**Criciúma, 24, 25 e 26 de setembro de 2019**



**DAVID HUME E O EQUILÍBRIO AUTOMÁTICO DAS TROCAS INTERNACIONAIS:  
UM ATAQUE EXITOSO CONTRA À CONCEPÇÃO MERCANTILISTA DO  
COMÉRCIO EXTERIOR**

**Glaudionor Gomes Barbosa**

DAVID HUME E O EQUILÍBRIO AUTOMÁTICO DAS TROCAS INTERNACIONAIS:  
UM ATAQUE EXITOSO CONTRA À CONCEPÇÃO MERCANTILISTA DO  
COMÉRCIO EXTERIOR

Glaudianor Gomes Barbosa<sup>1</sup>

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é de apresentar as teses de David Hume sobre comércio internacional, incluindo o mecanismo de ajuste automático da balança comercial e o papel inovador e original daquelas teses. A refutação ao “amor pelo dinheiro” e a proposição de um fluxo bilateral entre moedas e bens foi fundamental para o avanço da Economia, enquanto ciência, ainda em meados do século XVIII. O trabalho usa uma metodologia de aproximação tendo como base a literatura disponível, em particular “Ensaio Econômico” (1983). Deve-se concluir que Hume não apenas ultrapassou o pensamento mercantilista, como alcançou o pensamento clássico.

Palavras-Chave: Metalismo, Balança Comercial, Ajuste Automático, Hume

ABSTRACT

The central objective of this paper is to present David Hume's theses on international trade, including the mechanism of automatic adjustment of trade balance and the innovative and original role of those theses. The refutation of the "love of money" and the proposition of a bilateral flow between coins and goods was fundamental for the advancement of the Economy as a science, still in the middle of the eighteenth century. The work uses a methodology of approximation based on available literature, in particular "Economic Essays" (1983). It must be concluded that Hume not only surpassed mercantilist thinking, as classical thought did.

Keywords: Metalism, Trade balance, Auto Adjust, Hume

---

<sup>1</sup> Professor do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

## 1. Introdução

No campo de estudos de História do Pensamento Econômico é importante revisitar autores de todas as épocas. Produzir nova visibilidade às ideias fundamentais da economia, tirar da obscuridade autores importantes são procedimentos desejáveis.

David Hume é um economista brilhante e Adam Smith, de quem era amigo, sabia dessa grandeza. Marx, também, era reconhecidamente um seguidor qualificado de David Ricardo. Os antecessores sempre importam.

A questão que norteia este trabalho é a demonstração de como David Hume construiu as teses que cumpriram dois papéis fundamentais na História do Pensamento Econômico. Em primeiro lugar, de refutar “o amor pelo ouro” e a ilusão do conceito metalista de riqueza apregoada pelos mercantilistas; em segundo lugar desenvolver um modelo de ajuste automático das trocas internacionais que serviu de base tanto para o modelo clássico, como para os modelos mais modernos.

Não é desnecessário lembrar que para os mercantilistas<sup>2</sup>, o comércio internacional era visto como principal (e único totalmente pacífico) instrumento para a aquisição de metais preciosos, logo todas as medidas restritivas que resultassem no acúmulo de ouro e prata na metrópole seriam bem vistas. Isso porque aqueles pensadores e os homens públicos da época acreditavam que quanto mais metais preciosos um país possuísse, mais rico seria. Havia a crença de que a prosperidade das nações estava na razão direta da quantidade de metais preciosos acumulados.

Assim, o objetivo central desse trabalho é apresentar o mecanismo de ajuste automático do comércio internacional de Hume como uma quebra no paradigma mercantilista e a criação de um modelo que será recepcionado pela Fisiocracia e pela Escola Clássica.

O trabalho encontra-se organizado em cinco seções, incluindo essa introdução. Na segunda seção se faz a colocação do que é essencial para a compreensão da questão e do seu

---

<sup>2</sup> Por mercantilistas entende-se o conjunto de defensores de ideais e práticas econômicas que perdurou durante três séculos em toda Europa. A ideia metalista era uma delas. Para os mercantilistas, o ouro e a prata, era o mais perfeito instrumento de aquisição da riqueza. Ou em outras palavras, o ouro e a prata são para a nação, as formas eminentes da riqueza.

contexto histórico; a terceira seção apresenta uma defesa do comércio internacional para além da lógica metalista do “toque do rei Midas”<sup>3</sup>; na seção quatro discute-se a noção de Balança Comercial; a seção cinco aborda o mecanismo de equilíbrio automático.

## 2. Palavras Iniciais

Lendo a História de frente para trás, como deve-se ler, percebe-se que em 1848 em um texto intitulado de “Sobre a Questão do Livre-Câmbio”, Marx faz um elogio animador e acertado sobre a abolição das Leis dos Cereais

A abolição das leis sobre os cereais na Inglaterra é o maior triunfo que o livre-câmbio alcançou no século XIX. Em todos os países onde os fabricantes falam de livre-câmbio, eles têm principalmente em vista o livre-câmbio dos cereais e das matérias-primas em geral. Sujeitar a direitos protetores os cereais estrangeiros é infame, é especular sobre a fome das populações. (MARX, 1848, p. 1)

Nesta linha regressiva, na década de 20 do século XIX, o economista David Ricardo, usava sua pena e sua lógica insuperável na luta contra a Lei dos Cereais. Ricardo justificava sua crítica a referida Lei pela defesa da indústria britânica, ou seja, pela eliminação de qualquer proteção e efetivo domínio do comércio internacional. Segundo o Autor, o livre comércio desencadeava mecanismos que garantiriam o equilíbrio da balança comercial. Assim, qualquer medida protecionista das mercadorias nacionais ou qualquer medida para dificultar a importação tinha pouca chance de se tornar eficaz

Em 1776, Adam Smith publica a obra fundadora do liberalismo econômico clássico, sem os falseamentos dos neoclassicismos dos ingleses e dos austríacos. A posição de Smith insere-se no sentido geral de sua obra, de modo que, importa o livre intercâmbio econômico

---

<sup>3</sup> "O toque de Midas": de forma bastante irrefletida e profundamente gananciosa, o rei Midas adquiriu a habilidade de transformar tudo aquilo em que tocasse em ouro. Assim, o monarca ficou impedido de ingerir qualquer espécie de alimentos. Não fora a intervenção do Deus do vinho, Dionísio., e o rei teria morrido. Esse mito tem importância até hoje, em economia, na discussão sobre o que é riqueza e como obtê-la.

entre as nações que, segundo suas proposições, quando efetivado permite a existência de relações pacíficas, harmoniosas e cooperativas entre elas.

Apenas em 1756, vinte anos antes da obra de Smith, François Quesnay publica “Rendeiros” onde explicita suas primeiras ideias sobre economia e busca reforçar seus argumentos com dados empíricos:

A obra económica do médico inicia-se em 1756, quando produz o seu primeiro estudo económico, o artigo «rendeiros» na Enciclopédia. Denota uma vontade de basear a sua opinião em números, debruçando-se sobre os problemas da exploração da França rural (opina que deverão as terras ser trabalhadas por um rendeiro ao invés do sistema comum, a meias e utilizar o cavalo ao invés do boi na lavra). Dois anos depois publica o Quadro Económico, tornando-se de facto chefe reconhecido de fila dos filósofos economistas ou fisiocratas. Para a História ficou também reputado como expoente da corrente fisiocrata e pela sua associação a este trabalho de grande importância. (JESUS, 2016, pp. 23-24)

Fato é que quatro anos antes de Quesnay, em 1752 vinha à luz os “Discursos Políticos” de David Hume que entre outros temas defendia uma teoria de comércio externo que antecipava muito do que a fisiocracia e a escola clássica viriam a adotar. O bem-estar econômico propiciado pelo comércio entre os países seria conseguido em uma forma cada vez mais eficiente e em maior volume de bens, se os estados renunciassem à política protecionista para permitir a divisão e a cooperação internacional do trabalho e estimular a atividade individual no plano econômico graças a uma pressão fiscal adequada à capacidade contributiva do país. Este tratado de Hume, resume tudo de melhor que em seu tempo havia sido alcançado em pensamento econômico e, como é conduzido com um espírito altamente sociológico e destinado a justificar a necessidade de livre comércio, procede eficazmente e, desse modo, aponta o caminho para a riqueza das nações

De acordo com Hume, era prática comum entre os Estados que promoveram avanços no seu comércio encarar os avanços conseguidos pelos países vizinhos com alguma suspeita; considerar todos os Estados mercantis como seus rivais, e supor que seria impossível para

todos obterem resultados positivos. Entretanto, argumenta Hume, os mecanismos capazes de dissipar a riqueza e reduzir todos os povos ao atraso são as barreiras, obstruções e impostos que todas as nações da Europa, e nenhuma mais do que a Inglaterra, impuseram ao comércio, por um desejo exorbitante de acumular dinheiro (HUME, 1983. p. 227).

Se nossa política estreita e perniciosa tivesse sucesso, reduziríamos todas as nações vizinhas ao mesmo estado de ócio e ignorância que prevalece no Marrocos e na costa da Barbária. Mas quais seriam as consequências? Não poderiam enviar-nos mercadorias; nada poderiam tomar de nós; mesmo nosso comércio interno esmoreceria por falta de estímulo, exemplo e instrução; e nós mesmos logo recairíamos na mesma condição abjeta à qual os havíamos reduzido. (HUME, 1983, p. 229).

Na direção contrária ao pensamento dominante, Hume argumentava, com base em seus estudos, que o crescimento do trabalho, da riqueza e do comércio em qualquer nação, em vez de prejudicar, geralmente promove o trabalho, a riqueza e o comércio de todos os seus vizinhos, e que um Estado dificilmente poderá levar adiante seu comércio e indústria, enquanto todos os outros estiverem imersos na ignorância, no ócio e na barbárie. De fato, Hume dedica considerável atenção ao comércio internacional, pois se se consulta a história, verifica-se que na maioria das nações existentes, o comércio exterior tem precedido e estimulado todos os refinamentos das indústrias domésticas, e tem favorecido grandemente as manufaturas, incluindo as de de luxo Além disso, países envolvidos no comércio exterior são mais ricos do que aqueles que não possuem este envolvimento. Até mesmo as importações podem ter efeito positivo já que fornecem materiais para a confecção de novos produtos.

Como no caso de outros pensadores dos séculos XVII-XVIII ocorria uma dicotomia entre eles e o domínio intelectual de uma corrente hegemônica. Na economia, acontece distanciamento essencial entre os mercantilistas e as ideias de autores como Cantillon e Hume, entre outros. Há na obra de Hume algumas antecipações importantes do que viria a ser *canônico* no pensamento econômico clássico, mas em nenhum campo, o pensamento

humano é tão fundamental e opositor ao mercantilismo quanto nas ideias sobre comércio internacional.

Hume (1983) constrói em bases firmes, com metodologia inovadora, onde a pura especulação é substituída pela investigação sociológica e análise histórica, o modelo de comércio externo que seria adotado integralmente pelos economistas clássicos. Em primeiro lugar, destaque-se a existência de um mecanismo automático de ajuste que tornou sem sentido a “obsessão” mercantilista por saldos de exportações positivos e pelo jogo inconsequente de soma zero.

O Autor continua fazendo uso de exemplos históricos para demonstrar os problemas econômicos, inclusive os decorrentes da falta de comércio. Na História da Inglaterra, Hume faz o retrato da crise do feudalismo e da pobreza resultante da baixa movimentação comercial:

O estado agonizante do comércio mantinha os habitantes pobres e em condição deplorável; as instituições políticas haviam sido criadas para tornar a pobreza perpétua. Os barões e a pequena nobreza, por viverem numa abundância rústica e hospitaleira, não concediam encorajamento às artes e não representavam demanda por qualquer manufatura elaborada. Todas as profissões, com exceção das armas, eram menosprezadas. Se algum mercador ou manufatureiro despontasse em opulência por seu empenho e frugalidade, encontrava-se exposto aos ataques, decorrentes da inveja e da avidez, por parte dos nobres militares (HUME, 1778, v. I, p. 463-464).

Roll (1972) mesmo reconhecendo a contribuição de David Hume para a economia, afirma existir uma acentuação atual (Roll certamente falava das décadas de cinquenta e sessenta do século passado) de uma tendência de considerá-lo o mais importante economista antes de Adam Smith, o que seria uma avaliação por demais generosa. Insiste, argumentando que Hume não é um pensador tão original no campo econômico quanto o é no filosófico.

Roll na sua crítica ao posto que Hume ocupa na História do Pensamento Econômico, diz que ele cometeu erros próprios do pensamento mercantilista, como por exemplo, os elogios exagerados aos comerciantes. Além de defender a moeda como estimulante fundamental da atividade comercial.

As restrições de Roll em relação a Hume concentram-se mais na questão de originalidade, pois há o reconhecimento do papel daquele Autor na transição para a economia política clássica.

Denis (1978) defende um ponto de vista diametralmente oposto às restrições de Roll, a saber, de que a contribuição de economista de David Hume é notável e inovadora, particularmente na investigação da questão do crescimento econômico. A pergunta que se impõe, na opinião de Denis é como as teses humianas foram esquecidas com tamanha frequência. A explicação deve encontrar-se no argumento usado por Hume, onde uma sociedade tornada rica, poderia abandonar o referido comércio internacional.

Quando os negócios da sociedade chegaram a este nível, uma nação pode perder a maior parte do seu comércio externo e, todavia, continuar a ser uma nação grande e poderosa. Se os estrangeiros deixarem de adquirir uma das nossas mercadorias, nós deixaremos de a fabricar. As mesmas mãos se voltarão por si mesmas para qualquer aperfeiçoamento de outras mercadorias que podem ser pedidas no país. E haverá sempre para elas matérias-primas para trabalhar, até que cada indivíduo, na nação que possui riquezas, goze de uma tão grande abundância de mercadorias nacionais quanta pode desejar, sendo estas mercadorias levadas ao ponto mais elevado que se possa desejar. (HUME apud DENIS, 1978, P. 158).

Uma leitura apressada parece indicar que o comércio externo é essencial nos primeiros tempos, mas desnecessário depois que se atinge a riqueza. Para Hume os ricos têm sempre desejos não satisfeitos, havendo assim uma procura sempre crescente e ilimitada. Fato é que no capitalismo moderno não há necessariamente esta demanda e este é o problema básico de uma economia capitalista. Parodiando Kalecki<sup>4</sup>: os trabalhadores gastam o que ganham com mercadorias de salário e os ricos poupam e/ou adquirem bens “escassos internamente” e outros de luxo (importados). Em resumo: Além da grande massa da população não poupar, os que poupam, quase sempre, não são os investidores.

A forte disposição de Hume na crítica aos mercantilistas leva-o ao erro de desconsiderar o comércio internacional como necessidade para os países ricos. São os países

---

<sup>4</sup> “Os trabalhadores gastam o que ganham; os capitalistas ganham o que gastam”.



ricos que mais precisam deste comércio, caso contrário as crises capitalistas serão acentuadas.

### **3. Em defesa do Comércio Internacional**

A transformação do filósofo no economista David Hume é relativamente simples, dado que a base moral que lastreia suas concepções filosóficas não sofre alteração. A economia tem um significado muito grande no conjunto da obra humiana. Para este Autor, como para Adam Smith, o sujeito social era um ser autocentrado, preocupado com sua vida, seus negócios e seus familiares, quando muito com sua vizinhança. Contudo, diferentemente de interpretações contemporâneas, ser autocentrado não significa incapaz de associação e de organização cooperativa.

Toda teoria social tem como fundamento metodológico a observação. Os animais em geral possuem ferramentas biológicas para enfrentar com sucesso a luta pela sobrevivência, não se pode dizer o mesmo dos homens. Além de reconhecer a necessidade de vida social e cooperativa do homem, Hume vai além e defende a superioridade da vida social. A conjugação das forças individuais e sua concretude em uma força coletiva que supera a fragilidade corpórea e a necessidade de fornecer respostas individuais às inúmeras carências. É a força coletiva que engendra a divisão do trabalho dando como resultado não um somatório e sim um produtório das forças individuais.

Essa noção de força coletiva e de cooperação torna-se importante em teoria social e vai ser trabalhada, entre outros, por Karl Marx na sua mais conhecida obra econômica:

O que os trabalhadores parciais perdem concentra-se no capital com que se confrontam. É um produto da divisão manufatureira do trabalho opor-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade alheia e poder que os domina. Esse processo de dissociação começa na cooperação simples, em que o capitalista representa, em face dos trabalhadores individuais, a unidade e a vontade do corpo social de trabalho. O processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, convertendo-o em trabalhador parcial. Ele se completa na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital. (Marx, 1983, p.283-284)

A divisão do trabalho e a cooperação são conceitos fundantes de toda teoria econômica que merece este nome. Como pensar no desenvolvimento econômico, enquanto objetivo estratégico nacional, sem estes dois conceitos?

Denis (1978) no capítulo intitulado “A primeira crítica do mercantilismo”, seção “entre o mercantilismo e o liberalismo: as teses de David Hume”, argumenta que a obra de Hume que trata do comércio possui uma excelente análise sobre o papel do comércio externo no crescimento econômico das nações.

Este texto<sup>5</sup> é indubitavelmente o primeiro no qual podemos encontrar pelo menos um esboço da explicação do crescimento das economias capitalistas devido ao comércio externo. Efetivamente o autor mostra perfeitamente que o comércio externo desempenha o papel de um estimulante inicial à atividade industrial; através de sua análise pode compreender-se que este impulso dado é seguidamente multiplicado pelo facto de que os lucros acrescidos e o aumento do número de trabalhadores ocupados na indústria engendraram uma nova procura de produtos. Para completar a explicação bastaria mostrar que o crescimento econômico não pode ocorrer na ausência desse estimulante. Inicial, porque a procura interna não pode aumentar espontaneamente (DENIS, 1978, p. 157)

Nas discussões iniciais sobre o comércio em geral, Hume destacou um argumento central que norteará toda sua concepção sobre o comércio internacional, a saber, que a grandeza de qualquer Estado e o bem-estar ou felicidade de sua população, mesmo que possam ser consideradas independentes sob vários aspectos, são de fato dependentes do comércio.

Este modo de entendimento permite, segundo Hume (1983) considerar o comércio externo como fator de desenvolvimento, tanto de crescimento da riqueza do povo, quanto como indutor do aumento da riqueza e do poder do Estado. Assim, há uma inversão na equação mercantilista, a saber, não é o acúmulo de metais preciosos que faz a riqueza e o poder da sociedade e do Estado, mas o aumento do comércio exterior.

---

<sup>5</sup> David Hume, *Writings on economics* (Escritos econômicos) Nova edição, Madison (U.S.A), 1955, pp. 6 e 7 apud Denis (1978) Nota 1, p. 157.

Além do aumento da riqueza, o comércio externo é essencial pois permite a importação de bens que entram na produção de novos itens para o mercado interno e para novas exportações. Emprega-se contingentes de força de trabalho para artigos que não encontrariam consumo interno. Dessa forma, um país que exporta mais e importa mais tem mais indústrias em geral, inclusive de bens de luxo, que outros países que fundamentam sua economia na produção e consumo doméstico não podem ter.

Hume faz sempre uso da História em seus argumentos, porém não traça um panorama pretensamente histórico das etapas enfrentadas pela humanidade. No seu modelo ocorre durante algum tempo a dominância do setor agrícola, até que as manufaturas aparecem e apresentam notável crescimento. Entretanto, o essencial para o Autor, é a divisão do trabalho social e os ganhos crescentes de produtividade. Como a experiência e a repetição levam ao aumento da eficiência técnica e social? O comércio é um fator crucial no desenvolvimento, mas não pelos motivos, considerados toscos, dos mercantilistas e sim pelo fato do comércio fazer girar a roda do trabalho e da riqueza.

A defesa da industrialização e do papel da indústria por Hume é constante e não se trata de nenhum anacronismo, pois mesmo sem Revolução Industrial no sentido mais consensual (1760 ou 1780) pode-se falar em industrialização e até de “Revolução Industrial” no período da Idade Média Central<sup>6</sup>.

No século XVIII qualquer tendência de reduzir as artes e o comércio geraria perdas para o soberano e, conseqüente enfraquecimento do Estado. A limitação das manufaturas e das artes mecânicas, com certeza prejudicaria o conjunto da sociedade.

Um Estado sem manufatores pode igualmente dispor da mesma quantidade de pessoas, mas a quantidade de trabalho não é a mesma, nem do mesmo tipo, pois ali todo trabalho é empregado em necessidades às quais não é possível renunciar. (HUME, 2003, p. 124).

---

<sup>6</sup> Entre os séculos IX e XIII foram tantas as inovações técnicas introduzidas na Europa Ocidental que Gimpel (2011) escreveu um livro intitulado de A Revolução Industrial na Idade Média. No medievo, não só se aprimorou e diversificou o uso da força da água pela construção de represas e aplicação de energia hidráulica para movimentar serras e outras máquinas, como a ela se somou a energia eólica, com a invenção do moinho de vento, no século XII.

Como já ressaltado, Hume (1983) utiliza em toda sua obra diversos exemplos históricos para sustentar seus argumentos, inclusive exemplos da Antiguidade Clássica para provar que aqueles contextos não podem servir de parâmetro para a Modernidade (melhor seria usar o termo pré-modernidade). Assim:

Se consultarmos a História descobriremos que, na maioria das nações, os negócios externos precederam todos os aprimoramentos nas manufaturas internas e deram origem ao luxo nacional. É mais forte a tentação de fazer uso de artigos estrangeiros, prontos para o uso e inteiramente novos para nós, do que a de introduzir aperfeiçoamentos em quaisquer artigos nacionais, os quais sempre progridem a passos lentos e nunca nos impressionam pela novidade. Também o lucro é muito grande exportando o que é supérfluo no país e o que não tem preço para nações estrangeiras, cujo solo ou clima não sejam favoráveis a esse artigo. (HUME, 1983, p. 190)

Segundo Hume (1983) o comércio internacional facilita o espraiamento da riqueza nacional. Quando a riqueza está concentrada nas mãos de poucos, estes além da riqueza, concentram muito poder, que produz mais riqueza. De posse de tamanho poder político e econômico, os muitos ricos irão jogar toda a carga de trabalho e impostos sobre os pobres, que além de mais oprimidos, serão mais pobres. Ao final do processo haverá um retraimento da indústria e do crescimento econômico.

Em oposição a esta opinião mesquinha e maligna, aventuro-me a afirmar que o aumento da riqueza e do comércio em qualquer nação, em vez de prejudicar, comumente promove a riqueza e o comércio de todos os seus vizinhos; e que um Estado dificilmente pode progredir em seu comércio e indústria por muito tempo quando todos os países vizinhos estão enterrados em ignorância, indolência e barbarismo. (HUME apud OSER & BLANCHFIELD, 1983, p. 62)

Dentro do mesmo raciocínio que será usado por Smith, Hume defende que o comércio internacional tende a reduzir a animosidade entre as nações e criar um ambiente

de harmonia. Ambos os autores exageram este papel do comércio e esquecem o caráter anárquico do sistema internacional. Considere-se, entretanto, em favor dos dois pensadores, o contexto belicoso e guerreiro do século XVIII e as esperanças de "paz via o comércio"

Ainda em relação ao comércio exterior, uma ideia importante em David Hume era de que a tendência ao equilíbrio internacional reduziria gradualmente a distância de riqueza e bem-estar entre as nações. A experiência mostrou largamente que esta ideia humiana era completamente falsa. Fato é os países que saíram na frente continuaram atraindo capitais e gerando tecnologias e aprendizagem humana que eram, por mecanismos políticos, proibidos aos países retardatários. Ou seja, continuaram "chutando a escada", como explicou o economista Ha-Joon Change, Claro que isto não faz de David Hume um mau samaritano, pois os tempos eram outros.

#### 4. A Balança Comercial

Na sua crítica implícita ao mercantilismo, Hume destaca ser comum que nações que desconhecem as vantagens do comércio exterior tentarem a qualquer preço manter dentro de suas fronteiras o que consideram de grande valor. Claro que a reprimenda serve principalmente para a indevida manutenção de estoques entesourados de metais preciosos, mas o Autor em mais uma incursão histórica lembra o caso da exportação de figos em Atenas:

É bem conhecido dos estudiosos que as antigas leis de Atenas declararam criminosa a exportação de figos, considerados na Ática como um tipo tão excelente de fruta que os atenienses julgavam-na saborosa para o paladar de qualquer estrangeiro. Levaram tão a sério esta proibição ridícula que entre eles os informantes eram por isso chamados de *sicofantes*<sup>7</sup>, de duas palavras gregas que significam figos e revelador. (HUME, 1983, p. 217).

---

<sup>7</sup> Não se tratava de um agente do Estado, mas sim de um denunciante profissional. Normalmente, cobrava da parte interessada a informação de que ele não queria fazê-lo sozinho. Eles eram conhecidos e temidos por pessoas honestas que sempre poderiam estar envolvidas em um relato falso. (Fonte: <https://es.wikipedia.org/wiki/Discusi%C3%B3n:Sicofanta>)

Segundo Hume estes governantes estavam obtendo um resultado oposto ao desejado, pois quanto maior a quantidade exportada da mercadoria, seja de metais preciosos ou de figos mais ela será produzida no país e sempre terão a primeira oferta. Permita-se uma brincadeira: será que David Hume acreditava que toda a produção de alimentos do mundo poderia ser obtida em um vaso de flores<sup>8</sup>?

Sobre o chamado ciúme comercial é fundamental entender como Hume considera que tais erros apesar de grosseiros, ainda ocorrem com muita frequência, mesmo em nações que são historicamente comerciais. Trata-se de um respeito supersticioso quanto ao resultado da Balança Comercial e uma ansiedade e um medo irracionais quanto a fuga do ouro e da prata. Para o Autor o medo é tão sem razão quanto aquele, porventura pensado sobre o possível esgotamento de fontes e rios.

Pero no hay cosa mas divertida que lo que dice en esta parte el Doctor Swift, autor que tenia mas viveza de espíritu que ciencia, mas gusto que juicio, y mayor dosis aun de mal humor, de bilis, de pasión y de preocupación que de viveza de espíritu ni de gusto. Este doctor pretende en su breve exposición del estado de la Irlanda, que todo el dinero de este reino no pasaba de 500.000 libras esterlinas, y que fuera de esto los irlandeses enviaban anualmente a Inglaterra 1.000.000 en dinero, y no tenían casi recurso alguno para indemnizarse de esta suma, ni otro comercio extranjero que la entrada de vinos de Francia, que pagaban en dinero contante. La consecuencia de esta situación, cuya desventaja salta a los ojos, era que en el espacio de tres años el dinero que circulaba en Irlanda quedaba reducido de 500.000 libras esterlinas a mucho menos de 200.000. Yo supongo que al presente, después de pasados treinta años, no haya quedado ni un sueldo: no puedo concebir como la opinión de que las riquezas se van acrecentando en Irlanda, que nuestro doctor creía en tan triste situación, parece continuar todavía y aun fortificarse en el modo de pensar común. (HUME, 1752, p. 50)

---

<sup>8</sup> A Lei dos Rendimentos Decrescentes é uma teoria que expressa a relação econômica da utilização de unidades adicionais de trabalho. Também conhecida por lei das proporções variáveis ou lei da produtividade marginal decrescente, esta lei afirma que, em todos os processos produtivos, se a quantidade de um bem for aumentada e a quantidade dos outros bens permanecer constante, a *produção total por bem* irá cair. Isso não quer dizer, porém, que a produção total vai cair. A expressão é uma das mais antigas da teoria econômica básica e seu primeiro enunciado é atribuído ao financista da corte de Luís XIV, Turgot

Do ponto de vista do ouro e da prata como moedas, os argumentos de Hume seguem o prescrito pela Teoria Quantitativa da Moeda<sup>9</sup>, ou seja,  $MV = PY$ , onde  $M$  é o volume monetário;  $V$  é a velocidade de circulação da moeda;  $P$  é o nível geral dos preços e  $Y$  é o produto nacional do período. Supondo  $V$  como constante (por hábito da comunidade) e  $Y$  constante, dado que o que foi produzido não pode ser modificado, então  $M$  e  $P$  estão relacionados. Pela TQM é possível, tendo em vista algumas hipóteses, que:  $P = f(M)$

Baseado na Teoria Quantitativa da Moeda, Hume constrói um argumento sólido<sup>10</sup> sobre possíveis modificações no estoque monetário e as consequências esperadas sobre a Balança Comercial:

Suponham que 4/5 de todo o dinheiro da Grã-Bretanha fossem aniquilados numa noite e a nação se reduzisse à mesma condição, com respeito à moeda, existente nos reinados dos Henriques e dos Eduardos. Qual seria a consequência? Não deveria o preço de toda mão-de-obra e mercadorias cair proporcionalmente e tudo ser vendido tão barato quanto o era naqueles tempos? Que nação poderia então disputar conosco em qualquer mercado estrangeiro, ou pretender navegar ou vender manufaturas pelo mesmo preço que, para nós, traria lucro suficiente? Em quão pouco tempo, portanto, isso nos traria o dinheiro que havíamos perdidos e nos elevaria ao nível de todas as nações vizinhas? Nível que, depois de atingido, nos faria perder imediatamente a vantagem do baixo custo da mão-de-obra e das mercadorias. O afluxo adicional de dinheiro cessaria devido a nossa fartura e plenitude. (HUME, 1983, p. 218)

---

<sup>9</sup> A primeira versão da Teoria Quantitativa da Moeda apareceu na literatura econômica como Equação Quantitativa na forma de transações, sendo formulada por Simon Newcomb, em 1885, mas, quem popularizou esta versão foi Irving Fisher, em 1911, em *The Purchasing Power of Money*. Porém, a noção de que a oferta monetária afeta o nível geral de preços se fazia presente há alguns séculos na história do pensamento econômico. Já no século XVI, Jean Bodin argumentava a *M. de Malestroit* que o aumento no nível geral de preços que então se observava na França não se explicava somente pela aversão ao padrão metálico da unidade monetária, mas principalmente pela maior disponibilidade de ouro no país. David Hume em seu ensaio “*Of Money*”, de 1752, foi o primeiro pensador a analisar de modo mais rigoroso a relação entre variáveis monetárias e variáveis reais. (KREMER & CORAZZA, 2003, p. 3)

<sup>10</sup> O conceito ou argumento é considerado sólido sempre em relação ao Estado das Artes. Estamos localizados, historicamente, na transição ao Pensamento Clássico e na Baixa Idade Média.

É bastante interessante e criativa a forma como Hume explica a relação entre a moeda e os preços da mão-de-obra e das demais mercadorias, fazendo uso do mecanismo dos vasos comunicantes<sup>11</sup>. As motivações existentes para corrigir os desequilíbrios, mesmos os exorbitantes, como na citação acima, são os mesmos que atuam para que não ocorra os desequilíbrios. Quando há comunicação entre colunas de água, estas permanecem sempre niveladas, pois se a água se elevar em uma coluna, a aceleração da gravidade atuará no sentido de rebaixá-la ao ponto de nivelamento adequado. O equilíbrio do sistema é garantido pelo princípio da comunicação entre os vasos. De modo que:

Mas assim como qualquer massa de água pode elevar-se acima do nível do elemento que a circunda, se entre os dois não houver qualquer comunicação, o mesmo ocorre com o dinheiro: se a comunicação for cortada por qualquer impedimento material ou físico (pois as leis por si só são ineficazes), pode haver, nesse caso, uma grande desigualdade de dinheiro. (HUME, 1983, p. 2019).

O mecanismo dos vasos comunicantes depende da inexistência de bloqueios, ou seja, é possível desde que as leis naturais possam operar livremente. A economia, também, depende de leis naturais.

## 5. O mecanismo de Equilíbrio Automático

A grande preocupação dos mercantilistas era com o vazamento do ouro e da prata. Segundo aqueles pensadores, a perda de metais preciosos através do comércio internacional era um problema grave. O mecanismo de ajuste automático é a resposta de Hume. Primeiro se apresentará uma síntese do funcionamento daquele mecanismo, para depois aprofundar-se a discussão.

---

<sup>11</sup> Pelo Princípio dos vasos comunicantes verifica-se que o líquido, quando em equilíbrio, tem a mesma altura em todos os ramos. Sabemos que a pressão exercida por um líquido depende apenas da altura desse líquido. Se em uma dessas colunas o líquido estivesse mais alto, a pressão na base do mesmo ramo também seria maior.



Quaisquer saldos comerciais, seja positivo (superávit) ou negativo (déficit) têm como contrapartida a acumulação ou a perda de metais preciosos. Quando ocorre uma variação no volume monetário qual a consequência no lado real da economia? Se acontecer um aumento na oferta dos meios de pagamentos, então os preços da mão-de-obra e das demais mercadorias subirão tornando os produtos nacionais menos competitivos e consequentemente reduzindo as exportações e incrementando as importações. Neste caso, os metais acumulados na fase anterior deixarão o país promovendo o ajuste.

Por outro lado, quando acontece uma diminuição na oferta de meios de pagamentos, então os preços da mão-de-obra e das outras mercadorias cairão tornando os produtos nacionais mais competitivos e por consequência aumentado o volume exportado e reduzindo as importações. Assim, os metais preciosos entrarão no país levando ao equilíbrio. Assim, faz todo sentido falar em ajuste automático.

Segundo Hume (1752), os preços são sempre proporcionais à quantidade de moeda, apesar de que seja preciso algum intervalo temporal para que a moeda transite por todo o Estado, ela o fará. Quando este mecanismo é pensado no campo das relações econômicas internacionais, significa que os desequilíbrios na Balança Comercial, na medida em que implicam no aumento ou na redução do volume monetário em circulação, se corrigem automaticamente, através da variação dos preços internos em relação aos preços do resto do mundo.

Este mecanismo de fluxo de metais-ajuste de preços criado por David Hume constituiu-se como a interpretação convencional do mecanismo de funcionamento do padrão-ouro<sup>12</sup>, incorporando a taxa de juros como instrumento adicional de equilíbrio do balanço de pagamentos.

É interessante observar como desde a formulação pioneira de David Hume, o mecanismo de ajuste opera com base na interação entre os movimentos de mercadorias, o volume monetário e os preços principais (mercadorias principais da cesta e mão-de-obra) e

---

<sup>12</sup> O padrão-ouro é, geralmente, considerado o epítome de um sistema monetário internacional estável. Entre 1880 e 1913, as nações industriais líderes mantiveram fixo o preço de suas moedas em termos de ouro. Por meio de arbitragens no mercado do ouro, essas políticas estabilizavam as taxas de câmbio. Enquanto se mantivesse a conversibilidade externa e não se colocasse obstáculo às remessas de ouro, as taxas de câmbio variavam no interior dos gold points (bandas em torno da relação entre preço doméstico e externo do ouro, definida pelos custos de remessa e de seguro). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643208/10756>

apesar do pressuposto de outra variável (variação do volume monetário sobre a renda), pode-se dizer que esta variável já aparecia implicitamente em Hume, como destacou Friedman (1958).

Friedman argumenta não há possibilidade de mudanças substanciais de estoque monetário por unidade de produto sem mudança substancial na mesma direção no nível geral de preços. Assim:

There can be little doubt about this statistical connection. The statistical connection itself, however, tells nothing about direction of influence, and it is on this question that there has been the most controversy. It could be that a rise or fall in prices, occurring for whatever reasons, produces a corresponding rise or fall in the stock of money, so that the monetary changes are a passive consequence. Alternatively, it could be that changes in the stock of money produce changes in prices in the same direction, so that control of the stock of money would imply control of prices. The variety of monetary arrangements for which a connection between monetary and price movements has been observed supports strongly the second interpretation, namely, that substantial changes in the stock of money are both a necessary and a sufficient condition for substantial changes in the general level of prices. But of course this does not exclude a reflex influence of changes in prices on the stock of money. This reflex influence is often important, almost always complex, and, depending on the monetary arrangements, may be in either direction.(FRIEDMAN, 1958, p. 2)

Segundo Friedman as evidências estatísticas são reforçadas por várias evidências históricas. Um exemplo fundamental é o da Grande Depressão de 1929 que seria resultado não de uma tendência cíclica do capitalismo, mas de interferências indevidas nos mecanismos naturais

Outro exemplo importante é a da experiência da Confederação durante a Guerra Civil norte-americana<sup>13</sup>.

Não se pode negar a originalidade de Hume, mas um reparo deve ser feito, mesmo havendo uma concordância muito grande entre autores sobre as bases do padrão-ouro e o mecanismo de fluxos de ouro/ajuste de preços de Hume, inserindo apenas a taxa de juros no

---

<sup>13</sup> A Guerra Civil Americana, também conhecida como Guerra de secessão durou entre 1861 e 1865 e ocorreu entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos da América. Para compreender melhor as tensões que levariam à guerra, devemos considerar o extraordinário crescimento que este país teve nos cerca de oitenta anos que haviam se passado desde a sua independência final da metrópole inglesa, em 1782. Neste intervalo de tempo, o território dos EUA quadruplicaria e sua população se multiplicaria por oito vezes, taxas muito maiores do que qualquer outro país da época. Tudo isso também seria acompanhado por uma vigorosa atividade econômica.

primeiro, não há uma coincidência entre os dois. O padrão-ouro exige: (a) moeda fiduciária; (b) conversibilidade mútua entre a moeda interna e o ouro a preço oficial fixo; (c) liberdade exportação e importação de metais; (d) um conjunto de regras correlacionando o volume monetário com o estoque metálico.

## Referências

DENIS, Henri. *História do Pensamento Econômico*. Lisboa: Livros Horizonte: 1978

EICHENGREEN, Barry. História e reforma do sistema monetário internacional. Campinas. *Economia e Sociedade*, Vol. 4, Nº 1, jun/1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643208/10756>

FRIEDMAN, Milton. The supply of money and changes in prices and output. In: JOINT ECONOMIC COMMITTEE OF THE CONGRESS OF THE UNITED STATES, *The relationship of prices to economic stability and growth*. Washington: U.S.G.P.O, 1958, Disponível em: [https://miltonfriedman.hoover.org/friedman\\_images/Collections/2016c21/Gov\\_01\\_01\\_1958.pdf](https://miltonfriedman.hoover.org/friedman_images/Collections/2016c21/Gov_01_01_1958.pdf) Acesso em: 12 de fevereiro de 2019

GIMPEL, Jean. *A Revolução Industrial da Idade Média*. Lisboa: Europa-América, 2011.

HUME, David. (1752) *Discursos Políticos*. Disponível em: <http://constitucionweb.blogspot.com/2011/01/discursos-politicos-por-david-hume-1752.html>. Acesso em 12 de março de 2019

HUME, David. *History of England*. Volumes I-VI. Indianapolis: Liberty Classics, 1778.

HUME, David. *História da Inglaterra: desde la invasion de Julio César hasta el fin del reinado de Jacobo II. Tomo I*. Barcelona: Imprenta de Francisco Oliva, 1842. Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/2018/david-hume-6-livros-para-baixar/> Acesso em 04 de fevereiro de 2019

HUME, David. *História da Inglaterra: desde la invasion de Julio César hasta el fin del reinado de Jacobo II. Tomo II*. Barcelona: Imprenta de Francisco Oliva, 1842. Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/2018/david-hume-6-livros-para-baixar/> Acesso em 04 de fevereiro de 2019

HUME, David. *Escritos econômicos*. In: Os economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HUME, David, *Ensaio Político*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

JESUS, Diogo Caeiro. (2016). *Teorias Econômicas no Século XVIII ou o fisiocratismo*. Disponível em: .

[https://www.academia.edu/31898367/O\\_Fisiocratismo\\_a\\_partir\\_de\\_dois\\_documento](https://www.academia.edu/31898367/O_Fisiocratismo_a_partir_de_dois_documento).

Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

KREMER, Rodrigo L; CORRAZA, Gentil. Friedman e o monetarismo: a velha teoria quantitativa da moeda e a moderna escola monetarista. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/fce/wpcontent/uploads/2017/02/TD01\\_2003\\_kremer\\_corazza.pdf](https://www.ufrgs.br/fce/wpcontent/uploads/2017/02/TD01_2003_kremer_corazza.pdf)

Acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

MARX, Karl. (1848). *Sobre a Questão do Livre-Câmbio*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/01/07.htm> Acesso em: 03 de fevereiro de 2019.

MARX, Karl. *O capital*. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1983

OSER, Jacob & BLANCHFIELD, William. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Atlas, 1983.

ROLL, Eric. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.